

IAN
RANKIN

O ENIGMISTA



Copyright © 2000 by Ian Rankin

Proibida a venda em Portugal.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original:
The Falls

Projeto gráfico de capa:
Elisa v. Randow

Foto de capa:
© *Pet/ Getty Images*

Preparação:
Leny Cordeiro

Revisão:
Carmen S. da Costa
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rankin, Ian

O enigmista / Ian Rankin ; tradução Claudio Carina.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: *The Falls*.
ISBN 978-85-359-1591-4

1. Ficção policial e de mistério (Literatura inglesa)
I. Título.

09-12393

CDD-823.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura inglesa
823.0872

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707 3500

Fax: (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

1

“Você acha que eu a matei, não?”

Ele estava sentado na beira do sofá, a cabeça caída no peito. Seu cabelo era liso, com uma franja comprida. Os dois joelhos trabalhavam como pistões, os calcanhares de seus imundos tênis de corrida nunca tocando o chão.

“Você está sob efeito de alguma coisa, David?”, perguntou Rebus.

O jovem olhou para cima. Os olhos estavam vermelhos e com olheiras. Um rosto fino e anguloso, pelos espetados no queixo. Seu nome era David Costello. Não Dave, nem Davy: David, ele tinha deixado bem claro. Nomes, rótulos, classificações, tudo muito importante. A mídia tinha apresentado várias descrições do rapaz. Era “o namorado”, “o trágico namorado”, “o namorado da estudante desaparecida”. Era “David Costello, 22”, ou o “colega de faculdade David Costello, com pouco mais de vinte anos”. “Dividia um apartamento com a namorada” ou era um “hóspede constante” do “misterioso apartamento onde havia ocorrido o desaparecimento”.

Nem o apartamento era um simples apartamento. Era “um apartamento na luxuosa Cidade Nova de Edimburgo”, “um apartamento de duzentas e cinquenta mil libras pertencente aos pais da jovem desaparecida”. John e Jacqueline Balfour compunham “a família abalada”, “o banqueiro chocado e sua esposa”. A filha deles era “Philippa, 20, estudante de história da arte na Universidade de Edimburgo”. Era “bonita”, “jovial”, “alegre”, “cheia de vida”.

E agora estava desaparecida.

O detetive-inspetor John Rebus mudou de posição,

afastando-se um pouco para ficar ao lado da lareira de mármore. Os olhos de David Costello acompanharam seu movimento.

“O médico me deu umas pílulas”, falou, respondendo afinal à pergunta.

“E você tomou?”, perguntou Rebus.

O jovem aquiesceu lentamente, os olhos ainda em Rebus.

“Fez bem”, observou Rebus, enfiando as mãos nos bolsos. “Deixam a gente entorpecido por algumas horas, mas não mudam nada.”

Fazia dois dias que Philippa — conhecida entre os amigos e a família como “Flip” — estava desaparecida. Dois dias não eram muito tempo, mas havia algo de anormal em seu desaparecimento. Amigos tinham telefonado para o apartamento perto das sete da noite para confirmar se Flip iria se encontrar com eles dentro de uma hora num bar no South Side. Era um desses lugares da moda recentemente abertos perto da universidade, atendendo ao crescimento econômico e à necessidade de luz difusa e vodca aromatizada a preços altos. Rebus sabia disso porque passava por lá às vezes indo ou voltando do trabalho. Havia um antigo *pub* praticamente ao lado, com coquetéis de vodca que custavam uma libra e meia. Porém não disputava de cadeiras da moda, e os atendentes sabiam se virar bem numa briga, mas não tinham um bom repertório de coquetéis.

Flip tinha saído do apartamento provavelmente entre sete e sete e quinze. Tina, Trist, Camille e Albie já estavam na segunda rodada de drinques. Rebus havia consultado os arquivos para confirmar esses nomes. Trist era abreviatura de Tristram, e Albie era Albert. Trist estava com Tina; Albie, com Camille. Flip deveria estar com David, mas David, ela explicou ao telefone, não iria.

“Mais uma briga”, dissera, sem parecer muito preocupada.

Flip tinha ligado o alarme do apartamento antes de sair.

Isso era novidade para Rebus — estudantes que se preocupavam com alarmes. E a fechadura era Yale, o que tornava o apartamento seguro. Depois de descer o único lance de escadas, ela saía para o ar quente da noite. Uma ladeira a separava da Princes Street. Outra ladeira a levaria até a Cidade Velha, no South Side. Flip não iria a pé de jeito nenhum. Mas os registros do telefone do apartamento e do celular não indicavam chamadas para nenhuma empresa de táxi da cidade. Então, se houvesse tomado um táxi, teria sido na rua.

Se tivesse chegado a pegar um táxi.

“Eu não fiz isso, sabe?”, disse David Costello.

“Não fez o quê?”

“Eu não matei Flip.”

“Ninguém está dizendo que você matou.”

“Não?” Ele olhou para cima novamente, direto nos olhos de Rebus.

“Não”, assegurou Rebus, pois afinal aquele era o seu trabalho.

“O mandado de busca...”, começou Costello.

“É normal nesses casos”, explicou Rebus. E era mesmo: em desaparecimentos suspeitos, verificam-se todos os lugares em que a pessoa poderia estar. Age-se de acordo com o manual: com todos os papéis assinados e a autorização emitida, o apartamento do namorado é revistado. Rebus poderia ter acrescentado: *fazemos isso porque nove em cada dez vezes é alguém que a vítima conhece*. Não um estranho procurando uma presa na noite. Eram os entes queridos que o matavam: cômjuge, amante, filho ou filha. Era um tio, seu melhor amigo, a única pessoa em quem confiava. Eles estavam enganando a pessoa, ou a pessoa os estava enganando. A pessoa sabia alguma coisa, possuía alguma coisa. Eles sentiam ciúmes, sentiam-se rejeitados, precisavam de dinheiro.

Se Flip Balfour estivesse morta, seu corpo logo apareceria; se estivesse viva e não quisesse ser encontrada, o trabalho seria mais difícil. Os pais dela tinham aparecido

na tv pedindo que entrasse em contato. A polícia fazia plantão na casa da família, interceptando ligações caso surtisse um pedido de resgate. A polícia estava revistando o apartamento de David Costello em Canongate, esperando encontrar alguma coisa. E a polícia estava aqui — no apartamento de Flip Balfour. Dando uma de “babá” de David Costello — impedindo a mídia de chegar perto demais. Era o que havia sido dito ao rapaz, e em parte era verdade.

O apartamento de Flip fora revistado no dia anterior. Costello tinha as chaves, inclusive do sistema de alarme. O telefonema para o apartamento de Costello fora feito às dez da noite: Trist, perguntando se ele sabia de Flip, que estava a caminho do Shapiro mas não tinha aparecido.

“Ela não está aí com você, está?”

“Eu seria a última pessoa que ela procuraria”, queixara-se Costello.

“Eu soube que vocês discutiram. O que foi dessa vez?”

A voz de Trist era sussurrante, sempre ligeiramente divertida. Costello não respondeu. A polícia tinha ouvido a gravação e se concentrado nas nuances, tentando ler alguma falsidade em cada frase ou palavra. Trist telefonou para Costello outra vez à meia-noite. O grupo tinha ido ao apartamento de Flip: ninguém em casa. Ligaram para vários amigos, mas nenhum deles sabia de nada. Esperaram que Costello chegasse ao apartamento para destrancar a porta. Nenhum sinal de Flip lá dentro.

Eles já a consideravam uma pessoa desaparecida, o que a polícia chamava de “PeDes”, mas esperaram até a manhã seguinte para telefonar para a mãe de Flip na casa da família em East Lothian. A sra. Balfour não perdeu tempo e ligou imediatamente para 999. Depois de ter ouvido o que considerou uma curta resposta da telefonista da polícia, ela telefonou ao marido em seu escritório em Londres. John Balfour era sócio majoritário de um banco privado, e se o próprio chefe da Polícia de Lothian and Borders não fosse cliente, alguém certamente o era, pois

em uma hora os detetives já estavam no caso — ordens da Central de Polícia, o que significava o QG da força policial na Fettes Avenue.

David Costello abriu o apartamento para os dois homens do Departamento de Investigações Criminais. Não encontraram sinais de tumulto, tampouco pista da localização, destino ou estado de espírito de Philippa Balfour. Era um apartamento bem decorado: tacos aparentes, paredes recém-pintadas. (O decorador também estava sendo interrogado.) A sala de estar era grande, com duas janelas gêmeas começando ao nível do chão. Dois quartos, um transformado em estúdio. A cozinha, feita sob medida, era menor que o banheiro revestido de pinho. Havia muitas coisas de David Costello no quarto. Alguém tinha empilhado suas roupas sobre uma cadeira e colocado alguns livros e CDs por cima, coroando a estrutura com um saco de roupa suja.

Quando indagado, Costello só conseguiu imaginar que fosse coisa da Flip. Suas palavras: “Nós tivemos uma briga. Provavelmente foi a forma como ela reagiu”. Sim, eles tinham discutido outras vezes, mas não, ela nunca havia empilhado as coisas dele antes, não que se lembrasse.

John Balfour tinha vindo à Escócia em um jato particular — emprestado por um cliente solidário — e chegara ao apartamento da Cidade Nova pouco antes da polícia.

“Então?”, foi sua primeira pergunta. O próprio Costello ofereceu uma resposta: “Desculpe”.

Os policiais do Departamento de Investigação Criminal, DIC, interpretaram aquelas palavras de inúmeras formas quando discutiram o caso em particular. A discussão com a namorada fica feia; logo depois se sabe que ela morreu, e o corpo é escondido. Mas, confrontada pelo pai, a formação familiar toma conta e a pessoa deixa escapar uma quase confissão.

Desculpe.

Tantas maneiras de interpretar essa palavra. Desculpe por termos discutido; desculpe por estar incomodando;

desculpe pelo que aconteceu; desculpe por não ter cuidado dela; desculpe pelo que fiz...

E agora os pais de David Costello também estavam na cidade. Tinham alugado dois quartos em um dos melhores hotéis. Eles moravam nos arredores de Dublin. O pai, Thomas, podia ser descrito como alguém “que vive de rendas”, enquanto a mãe, Theresa, trabalhava como designer de interiores.

Dois quartos: houve alguns comentários em St. Leonard’s quanto à razão para o casal precisar de dois quartos. No entanto, com David como filho único, por que precisavam morar numa casa de oito cômodos?

Houve também comentários sobre a razão por que St. Leonard’s estava envolvida no caso da Cidade Nova. A delegacia mais próxima do apartamento era a de Gayfield Square, mas foram convocados policiais de Leith, St. Leonard’s e Torpichen.

“Alguém está mexendo os pauzinhos”, era a opinião corrente. “Larguem tudo, a filha de um ricoço sumiu.”

Em particular, Rebus não discordava.

“Quer tomar alguma coisa?”, perguntou a David. “Chá? Café?”

Costello fez que não com a cabeça.

“Se importa se eu...?”

Costello olhou para ele, parecendo não entender. Depois entendeu. “Tudo bem”, falou. “A cozinha é...” Começou a fazer um gesto.

“Eu sei onde é, obrigado”, disse Rebus. Fechou a porta atrás de si e ficou um momento no corredor, feliz por ter saído da abafada sala de estar. Suas têmporas latejavam e os nervos por trás dos olhos estavam tensos. Ouviu sons vindo do estúdio. Rebus olhou pela porta.

“Vou pôr uma chaleira no fogo.”

“Boa ideia.” A sargento-detetive Siobhan Clarke não tirou os olhos da tela do computador.

“Alguma coisa?”

“Chá, por favor.”

“Eu quis dizer...”

“Nada ainda. Cartas para amigos, alguns ensaios. Tem uns mil e-mails para examinar. Seria bom ter a senha dela.”

“Costello disse que nunca soube essa senha.”

Clarke pigarreou.

“O que você quis dizer com isso?”, perguntou Rebus.

“Quis dizer que minha garganta está irritada”, respondeu Clarke. “O meu só com leite, por favor, obrigada.”

Rebus entrou na cozinha, encheu a chaleira e procurou canecas e saquinhos de chá.

“Quando eu posso ir para casa?”

Rebus se virou e viu Costello em pé no corredor.

“Seria melhor se você não fosse”, respondeu. “Repórteres, câmeras... eles vão ficar no seu pé, telefonando dia e noite.”

“Eu posso tirar o fone do gancho.”

“Vai ser como estar preso.” Rebus observou o rapaz dar de ombros. Depois disse algo que Rebus não entendeu.

“Como?”

“Eu não posso ficar aqui”, repetiu Costello.

“Por que não?”

“Não sei... é que...” Ele deu de ombros mais uma vez, passando as mãos na testa para afastar a franja. “É a Flip quem devia estar aqui. É demais para a minha cabeça. Fico lembrando da briga que tivemos na última vez que nos vimos.”

“Qual foi o motivo?”

Costello deu uma risada inexpressiva. “Eu nem me lembro mais.”

“Isso foi no dia em que ela desapareceu?”

“Foi na mesma tarde, sim. Eu fui embora furioso.”

“Vocês discutiam muito?” Rebus tentou fazer a pergunta parecer casual.

Costello permaneceu imóvel, olhando para o espaço, mexendo levemente a cabeça. Rebus lhe deu as costas, separou dois saquinhos de chá Darjeeling e os colocou nas canecas. Será que Costello estava cedendo? Será que Sio-

bhan Clarke estava ouvindo atrás da porta do estúdio? Eles estavam, sim, dando uma de babá com Costello, parte da equipe trabalhando em três turnos de oito horas, mas eles o haviam trazido ali também por outra razão. Oficialmente, ele estava ali para esclarecer alguns nomes que surgiam na correspondência de Philippa Balfour. Mas Rebus o queria ali porque aquele poderia ser o local do crime. E talvez David Costello tivesse algo a esconder. As apostas em St. Leonard's corriam soltas: dois para um em Torpichen, mas em Gayfield ele era o favorito.

“Seus pais disseram que você pode ficar com eles no hotel”, disse Rebus. Virou-se para estudar sua reação. “Eles alugaram dois quartos, então está sobrando um.”

Costello não mordeu a isca. Observou o detetive por mais alguns segundos, depois virou a cabeça para olhar pela porta do estúdio.

“Já encontrou o que está procurando?”, perguntou.

“Pode levar algum tempo, David”, respondeu Siobhan. “É melhor deixar a gente continuar procurando.”

“Você não vai encontrar nenhuma resposta aí.” Ele se referia à tela do computador. Como ela não respondeu, Costello se esticou e inclinou a cabeça. “Você é uma especialista, não é?”

“Alguém tem que fazer isso.” A resposta foi em voz baixa, como se ela não quisesse deixá-la escapar da sala.

Por um momento pareceu que ele ia acrescentar algo, mas depois pensou melhor e preferiu voltar para a sala de estar. Rebus levou o chá para Clarke.

“Que chique”, ela disse, examinando o saquinho de chá boiando na caneca.

“Não sabia se você queria forte ou não”, explicou Rebus. “O que está achando?”

Ela pensou um instante. “Parece tudo certo.”

“Talvez você simplesmente não resista a um rosto bonito.”

Ela fungou, pescou o saquinho de chá e jogou-o no cesto de lixo. “Talvez”, respondeu. “E o que *voce* está achando?”